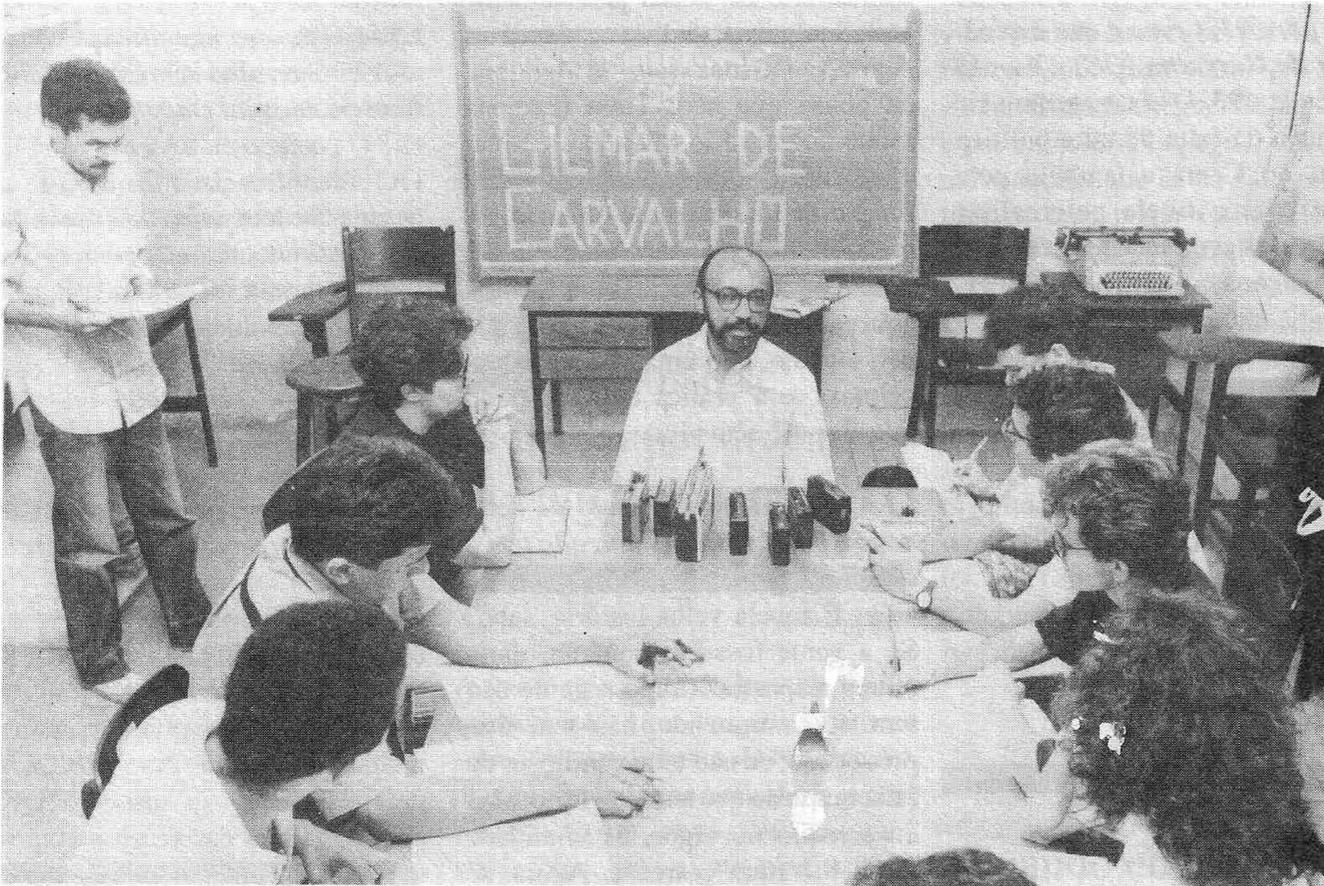


Gilmar une o erudito ao popular



Gilmar de Carvalho não esconde sua paixão por seu principal objeto de estudo: o cordel. Perguntado se gostaria de ser um personagem respondeu que sim.

Gilmar de Carvalho, professor universitário, jornalista, publicitário, teatrólogo, escritor, estudioso de manifestações populares como o cordel e a xilogravura. Foi essa pessoa, um pouco dócil, um pouco inquieta, que aceitou o convite para ser o primeiro entrevistado do Projeto Entrevista. Em 1 hora e 45 minutos de conversa, vários assuntos foram abordados: publicidade, jornalismo, literatura, cultura popular, Juazeiro do Norte, Universidade, teoria da publicidade.

Descobrir quem é esse homem que se veste de Gilmar de Carvalho não é fácil. Sua privacidade é guardada a sete chaves - ele não tem telefone. E resta esse Gilmar já mitificado, elevado ao Olimpo e cercado por uma aura de excepcionalidade. Ao desnudar esse grande e rico personagem, encontra-se um homem sensível, marcado, às vezes triste, sempre irônico, que fala e discorre sobre temas variados com a desenvoltura de quem é íntimo o bastante para dizer o que pensa e a que veio.

Gilmar é sincero. fala abertamente sobre suas decepções, suas amarguras, mas abre um sorriso e diverte-se com naturalidade entre alunos, que, segundo ele, ocupam todo o seu tempo e não o deixariam ficar só. Um homem que vive só, guardião de um tesouro em sua casa e companheiro de si mesmo e dos que o vêem como amigo.

Entrevistar o Gilmar foi, antes de tudo, um prazer. Ele, que expressa no rosto a emoção, manteve a porta de sua casa fechada, mas abriu para os alunos o mundo de quem pode olhar para trás sempre, sem medo da trilha que percorre na vida. Como uma novidade que pouco conhecemos, desnudamos e perguntamos. Sabemos o que a nossa curiosidade queria saber e

ele não teve vergonha em se expôr.

Pontual como sempre, Gilmar chegou, vestido com seu uniforme de trabalho: camisa, jeans, sapatos confortáveis. Livros na mão, companheiros inseparáveis, um sorriso nos lábios, soltando logo uma brincadeira com uma das alunas: "Alô amor...". Durante a entrevista serviu-se de água, alguns salgadinhos, refrigerante. De início um pouco tenso, relaxou com alguns minutos de entrevista, demonstrando um domínio da situação e deixando a todos nós também à vontade.

Gilmar tem muitos planos: o doutoramento na PUC, novelas, "papers", muitos planos para serem passados para o papel. É um homem que se sente vivo. Tem esperanças no Brasil e emocionou-se com a votação do impeachment de Collor. Gosta de música brasileira, tem admiração por Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Ama o Ceará.

Então, qual o Gilmar que ficou? "Um homem carinhoso", diria uma das alunas. "Irônico, bem humorado, livre", diria uma outra. Contradições? É possível. Afinal, somos humanos. Mas certamente ficou a imagem de um homem inteligente, ligado em seu tempo, fazendo história, formando gerações de novos comunicólogos, mostrando tudo o que a vida lhe ensinou.

Não foi à toa que Gilmar foi escolhido para ser nosso primeiro entrevistado. Ele circula como um guru, soltando orientações, cumprimentando a um, brincando com outro. Ele é assim. Deu-nos uma demonstração de humanidade. Certamente teríamos muito mais o que perguntar. Ficamos então com a transcrição a seguir de idéias novas, sugestões, opiniões, olhares, pausas, sorrisos. É pouco para quem afirmou que "minha família é a humanidade". Com vocês, Gilmar de Carvalho.

Entrevista com o jornalista Gilmar de Carvalho, dia 08/10/92.

Produção: Clariane Rebouças e José Rocha.

Edição e texto final: Clariane Rebouças e José Rocha.

Participação: Clariane Rebouças, Cláudio Ribeiro, Demitri Túlio, Eduardo Freire, Francisco Roberto, José Rocha, Júlio César, Liliana Couto, Márcio Régis, Oceli Lopes e Sílvia Carla.

Foto: Jarbas Oliveira.



Gilmar esteve calmo toda a entrevista, respondeu todas as perguntas e chegou mesmo a brincar com os alunos que o cercavam.

Uma das mais fortes características de suas respostas é a ironia, usada e abusada para destilar seus comentários sobre tudo e todos.

Gilmar comeu quatro salgados e tomou refrigerantes. Deixou que os alunos se servissem para depois comer um salgado, sem pressa.

Laboratório de Jornalismo (LJ) - Você declarou que tinha se afastado da literatura, mas é sabido que há um projeto para uma novela ou livro de contos para 93. Como é que é isso?

Gilmar de Carvalho (GC) - Eu não sei se é para 93. O afastamento veio em função da falta de uma política cultural no Ceará e também pela ruptura com a tutela paternalista por parte das secretarias de cultura, das fundações culturais. Então, es-

"Os títulos que eu lancei não circularam, ninguém leu, nem comprou, nada funcionou. Isso me levou a um afastamento voluntário"

tamos querendo ver se acontece um milagre que acaba tendo que ser provocado por nós mesmos, e não de cima para baixo, no sentido de que, a gente pudesse ter uma editora competitiva, em moldes comerciais, empresariais, em Fortaleza, que lançasse alguns títulos. Porque, na verdade, os títulos que eu lancei não circularam, ninguém leu, nem comentou, nada funcionou. Isso me levou a um afastamento da literatura. Mas eu tenho sempre projetos para voltar. Acho que, além da novela e do livro de contos, eu tenho muito mais coisas planejadas para voltar. Há uma biografia do Manezinho do Bispo, que é um personagem que me fascina muito. Tenho muitas anotações e gostaria realmente de voltar. Agora voltar como? Em que moldes e que bases?

LJ - Você acha mesmo que Fortaleza merece uma editora?

GC - Merece e comporta. Agora teria que ser uma editora também que visse as limitações, as contingências do mercado. Claro, não poderia ser uma Companhia das Letras, mas poderíamos ter uma editora rentável em Fortaleza, que desse vazão às exigências do mercado, às solicitações. Acho que feito assim, com base nesses estudos de mercado, eu acredito na viabilidade da editora.

LJ - A mentalidade do empresariado local já possibilitou a procura do escritor cearense?

GC - Tem uma editora do Rio de Janeiro que está publicando algumas teses em co-edição com a Secretaria de Cultura. A Vozes já veio aqui, atrás de alguns trabalhos acadêmicos. Agora, em termos assim de literatura, eu penso que não. Tudo funciona muito no eixo Rio - São Paulo, estamos cansados de saber disso, e em função de interesses de editoras, de releases e apadrinhamentos. Então, ninguém viria buscar uma pessoa aqui para publicar nada. Eu penso que não e tenho, não uma visão preconceituosa, e a prática tem mostrado que elas não têm vindo.

LJ - O que tem aparecido de texto novo é bom? O que o mercado tem a oferecer?

GC - É aquela velha história, sabe? Se a gente fosse estimulado, daria outras respostas. Como a gente não tem sido estimulado, não tem sido provocado, eu não teria condições de falar muito do que tem sido feito. Mas eu acredito no vigor, na vitalidade dessa literatura cearense. Agora, se vocês me pedissem, assim, títulos, e que produtos são esses, sabem? Eu não saberia dizer, mas em vista, eu aposto nessa vitalidade.

LJ - Tem um autor novo chamado Manuel Amorim. Você pode falar alguma coisa sobre a literatura dele e se há alguma relação com o seu trabalho?

GC - Olha, o Manuel Amorim eu conheci através de alguns amigos que me forneceram alguns manuscritos dele, há uns oito anos. Fiquei muito encantado na época, porque ele é um escritor - se é que a gente pode falar nisso... Seria assim uma espécie de literatura naif, ingênua, uma experiência de escritor primitivo em que ele junta as suas vivências de um rapaz com experiências homoeróticas, com as vivências de um mundo

"Sou uma pessoa que me exponho muito. De certo modo, utilizo muito as palavras em alguns momentos para me esconder, isso é válido"

ao qual a gente mais sofisticado, mais intelectualizado, não tem acesso. Então, ele faz uma literatura muito rica, muito vibrante, muito curiosa, intrigante. Gosto muito das coisas que ele

escreve. Se eu tivesse uma editora, ele seria a primeira pessoa que eu editaria no Ceará.

LJ - Existe uma identificação do Gilmar de Carvalho com esse autor? Se houver, em qual etapa de sua carreira? O começo ou agora?

GC - Identificação no sentido de uma pessoa que tem muita coisa para dizer e não está encontrando espaço. Nesse sentido eu me identifico com ele. E muito no sentido de uma pessoa que se expõe muito, e, de certo modo, utilizo muito as palavras em alguns momentos para me esconder. Então tem a ver nesse sentido.

LJ - Por que esse Gilmar que se esconde?

GC - Se esconde para se proteger também, né? Por que escancarar tanto? Se mostrar tanto? A gente é tão agredido, aí desenvolve alguns mecanismos de defesa. Não preciso me defender para vocês, mas com certeza para a maioria das pessoas eu precisaria, sabe? Para manter a integridade mesmo, meu ego. Não sei nem como os analistas chamam isso. Para manter algum núcleo essencial, meu, assim, imune a essas pressões, tentativas de corte, de agressão, de violência. Isso nesse sentido, para me manter inteiro.

LJ - Como é que surgiu a idéia de escrever "Pequenas Histórias de Crueldade"?

GC - Olha, as histórias vêm por acaso. A gente esculta assim, por aí. Como diria o Dalton Trevisan, o escritor é um pouco um vampiro de corações solitários, alguma coisa desse tipo, nesse sentido. Há um certo voyeurismo também. Aquela coisa de ficar escutando, de juntar as histórias. Há uma grande carga de compaixão por elas. Noutras vezes, há indignação. Aquilo tudo vai se juntando e a gente vai tecendo, misturando um pouco de história com outra para que não fique tão verossímil, porque elas não são reportagens. Elas pretendem ser literatura. A partir daí, vai se compondo as histórias a que estamos nos referindo. Tenho dito em alguns oferecimentos, em dedicatórias, que o feito desse livro para algumas pessoas amigas é que elas retratam assim um lado obscuro, se é que existe um. São aquelas histórias que não seria de bom tom contar, histórias que não se pode contar num salão.

LJ - Como é que nasceu essa paixão pelo cordel?

GC - A paixão pelo cordel nasceu no final da década de 70, em 76, mais ou menos, quando eu conheci, através da Mariza Viana, o Stênio Diniz. Aí, logo em seguida, fui a Juazeiro, onde conhecia a tipografia que era da mãe

do Stênio. Na época, vi aquela coisa que eu registrei no livro *Parabélum*. O range-range onomatopéico. Ainda hoje eu gosto dessa história. As má-

"Toda essa dessacralização deste ofício poético, do poeta trabalhar num tipógrafo, fedendo a suor e cachaça, é impressionante"

quinas me fascinaram. Os produtores, assim, circulando dentro da gráfica. Um poeta era um poeta mesmo, e aquele não era sacralizado, não é? O poeta que está escrevendo, sobre não sei o quê, que é diplomata. Não, era um poeta que tinha dedo cortado, mutilado por uma máquina, sujo de graxa, fumando cigarro de palha, fedendo a cachaça. Então toda essa dessacralização desse ofício poético, do poeta trabalhar num tipógrafo. Eu vi isso tudo no Juazeiro, e a partir daí me apaixonei pela literatura popular, pela tipografia, pela editoração popular. Acho que veio daí.

LJ - Falando ainda em cordel, há algumas críticas que falam como que alguém do porte de Gilmar de Carvalho vai se haver com literatura de cordel. O que você diz disso?

GC - É uma visão preconceituosa, elitista, rançosa, porque qualquer coisa pode ser um objeto de reflexão de alto nível, uma reflexão que contribua. E eu tenho assim, por uma questão de continuidade, de solidariedade, um comprometimento muito grande com os marginalizados, com as camadas subalternas. Até não sei nem por quê. Pode até ser por um sentimento de culpa, por eu ter sido uma pessoa tão poupada, sabe? Privilegiada. Tive acesso a tantas coisas. Mas eu não vejo assim, pelo fato dos meus estudos, ou os estudos de qualquer outro acadêmico que enveredar pelo campo do popular, isso ser um demérito para a sua produção. Pelo contrário, acho que só enriquece. É aí que nós encontramos material para grandes trabalhos, realmente aprofundados.

LJ - Como é que foi a receptividade do seu trabalho sobre cordel, em SP, no seu mestrado?

GC - Eu tirei 10 da banca. É aquela velha história. As pessoas dizem "o seu trabalho é maravilhoso". Ouvi algumas opiniões. Uma professora, por exemplo, disse: "Com certeza essa já foi a melhor dissertação que eu já li feita aqui na Metodista". Aí a professora diz: "Ah, bom, vamos publicar". Mas ninguém faz nada para viabilizar essa publicação, sabe?

LJ - Preconceito com o nordestino, é isso?

GC - Preconceito ao nordestino, manutenção de certas igrejinhas acadêmicas, de certos grupos que vivem em torno de certos elogios e eu não tenho status para entrar nesses grupos.

LJ - Esses grupos existem só lá ou por aqui também?

GC - Ah, existem aqui também. É por conta desses grupos que o Manuel Amorim nunca vai ser publicado. É uma pessoa que não faz parte do "establishment" literário. Acontece muito de trabalhos excelentes, mas feitos fora dos padrões acadêmicos, ou feitos no interior, que vemos com desdém. Estamos apenas reproduzindo esse conceito que eles amplificam lá.

LJ - Você encontrou esses grupos quando fez esse trabalho de cordel aqui?

GC - Aqui? Não. Não sinto muito isso não, sabe? Talvez pelo fato de estar

"Ah, como eu gostaria de ter encontrado um crítico idiota pela frente! Ninguém disse nada... Essa a pior atitude, a indiferença"

muito à vontade aqui e pelo fato de eu saber qual é o meu espaço. Eu sei que tenho um espaço conquistado muito duramente. Tenho tido amor, conquistado muita afetividade, sabe? Se encontro pessoas que estão a fim de inviabilizar esse processo, de desgastá-lo, encontro muita gente que tem dado a maior corda para que eu prossiga, que me estimulam e que têm realmente a minha gratidão. Assim, pesando a afetividade, o alto astral, eles são muito mais fortes do que qualquer baixaria, que não vai me desestimular, mas de jeito nenhum! Não tem nem perigo.

LJ - Você já encontrou algum crítico idiota que chegou a te chamar de sádico, ou alguma coisa parecida?

GC - Ah, como eu gostaria de ter encontrado um crítico idiota pela frente! Ninguém disse nada. Pode ter certeza que essa é a pior atitude, a indiferença. Se tivesse dito que era péssimo, sádico, tudo, menos a indiferença.

LJ - Eles próprios não procuram, não têm acesso? Explique.

GC - Não, o quadro é mais grave. Não é nem que, digamos, alguém quisesse escrever e iria escrever onde? Não temos espaço para resenhas, para críticas, e alguns trabalhos que têm sido feitos em nível acadêmico, aqui, de Mestrado, doutorado, sobre literatura cearense, um deles me exclui na maior, como se eu não tivesse feito nada. Não sei qual foi o viés do autor, nem me interessa saber, mas acho esquisito alguém me excluir de algum trabalho sobre literatura cearense desde o momento em que eu escrevi, sei da minha importância.

LJ - Você é uma pessoa de projeção, é considerado um intelectual muito respeitado, com grande produção literária e acadêmica. Por que você ficou no Ceará?

GC - (pensativo). Olha, em termos de história de vida, eu poderia até ter dito que fiquei no Ceará um pouco por comodidade, um pouco por preguiça de enfrentar uma barra mais pesada. Estava muito acostumado ao bem-bom. De repente o meu pai morreu, e, faltando um mês para eu terminar um curso - a minha primeira graduação -, tive que cair no mercado de trabalho. Fui ficando, fui ficando. Hoje, aos 43 anos, não vejo mais sentido sair daqui. Não sei se teria feito sentido sair daqui aos 18, 20 anos. Gosto daqui e acho que tenho um compromisso, tenho um papel a desempenhar, tenho algumas coisas a fazer por aqui.

LJ - É uma missão?

GC - Não, missão não. Essa palavra é muito forte. Não é falsa modéstia, não, mas missão dá idéia de uma coisa mais abrangente, mística, religiosa. Missão eu acho forte. Mas gosto de estar aqui e, hoje, se eu tivesse a oportunidade de sair, não sairia, já ficaria convencido de que meu lugar é aqui.

LJ - O que é o paraíso para você?

GC - Paraíso para mim seria um pouco da Pasárgada do Manuel Bandeira, um pouco do São Saruê da literatura de cordel. Seria um lugar onde não houvesse preconceitos, onde tivesse menos cobrança. Mais prazer e uma distribuição de renda menos perversa.



Durante a entrevista foram feitas 162 intervenções, todas elas respondidas sem subterfúgios e fugas aos temas.

Em alguns momentos Gilmar esteve pensativo. Parava, pensava e respondia criticamente, fazendo brincadeiras e ironizando sempre.

Demonstrou a preocupação em responder satisfatoriamente aos alunos, agradecendo a oportunidade de poder contribuir com o projeto.



Gilmar demonstrou ser um homem que faz o que gosta. Vê a importância de seu trabalho na formação de novos profissionais no Ceará.

Gilmar foi um dos publicitários mais bem pagos na década de 80. Desistiu depois de muitas decepções. Achou que não valia a pena.

Mesmo com oportunidades de ir para o Sul-Sudeste desenvolver o trabalho de publicidade, Gilmar preferiu ficar no Ceará.

sa. Acho que seria o avesso do que a gente tem.

"Paraíso seria um lugar onde não houvesse preconceito, onde tivesse menos cobrança, mais prazer e uma distribuição de renda menos perveça"

LJ - Juazeiro não é o paraíso?

GC - Eu idealizo um Juazeiro, não sei. Se eu morasse lá, talvez fosse um inferno, sabe? Como eu passo alguns dias que são muito prazerosos para que eu estabeleça contatos com pessoas a quem eu quero muito bem. São pessoas a quem eu devo muito. São poetas, violeiros. Então, de certo modo, são temporadas, assim paradisíacas. Agora não sei, se eu morasse lá, talvez não fosse um paraíso permanente (risos).

LJ - A Maraponga também é uma porção desse paraíso?

GC - É um pouco de fuga, um portão meio indevassável (risos). É a manutenção da minha privacidade.

LJ - O muro é alto lá, não?

GC - É, o muro é alto, tem cachorro (rindo).

LJ - Como é que você vê a religiosidade popular?

GC - Como é que eu vejo a religiosidade popular? Vejo como uma manifestação pela qual eu tenho o maior respeito. Agora, é claro que o fato de eu ter respeito eu não possa contestar muitos aspectos dessa religiosidade popular. Essa visão do fatalismo, do determinismo, de esperar esse paraíso aqui, esperar uma bênção de Deus. Entra Frei Damião, um pedaço com o qual eu não me afino mesmo. Quando escapa à minha capacidade de percepção, quando entra para esse terreno de flagelações, de expiação, não compreendo muito bem.

LJ - No seu doutorado você vai continuar estudando literatura de Cordel?

GC - Ora, mas é claro. Não dá para jogar fora essa vivência toda, não. Pretendo estudar as relações da cultura popular com a Indústria Cultural. Ainda preciso definir melhor. Tudo está muito amplo. Vou continuar estudando cordel e xilogravura e toda a produção de Juazeiro do Norte.

LJ - Quando você voltou de São Paulo, restringiu o círculo de amizades. Por que isso?

GC - Olha, São Paulo foi um processo muito doloroso de aprendizagem. Lá, eu tomei consciência de uma série de fatos, de coisas, de evidências. Tomei consciência das minhas limitações. Realmente revi muita coisa e revi algumas amizades que eram motivadas por um processo neurótico de dependência e não por um processo mesmo de bem-querer, de complementação. Não dá para ficar mantendo uma amizade por conta de antiguidades. Aí eu revi esse meu papel de intelectual provinciano, de ficar opinando todas as besteiras do jornal. As pessoas me telefonavam e eu falava tudo. Acho que estou até caindo de novo nesta história. Mas faz parte desse processo de aprendizagem, de sofrimento, de amadurecimento. Mas que não fique uma coisa pesada de que foi negativo, pelo contrário.

"Em São Paulo, revi muita coisa e, neste processo, revi algumas amizades que eram mantidas apenas por uma dependência neurótica"

LJ - Você é solitário?

GC - Não, eu não me considero solitário. Eu curto os momentos em que estou só. Quero muito bem a minha pessoa para me sentir só. Na minha casa, tenho os livros que eu gosto, os discos que eu gosto e agora vou ter os Cd's que eu gosto, os quadros que eu gosto. Então eu nunca estou só. Quando eu me sinto só, se é que me sinto em alguns momentos assim, tenho o mundo inteiro pela frente. É só abrir o portão, pegar o Vila Manuel Satiro e vir para cá (UFC). Tem pelo menos 200 alunos. Passo na sala, pergunto se alguém quer matrícula, ajuste, o que estão querendo. Acaba a solidão.

LJ - E o automóvel?

GC - Sim, faz falta. Às vezes, mas em outros momentos é ótimo. O ônibus é uma coisa tão boa, dá para ver mais gente, o que estão fazendo, o que eles estão querendo, não é? Tem roça-roça e muita coisa dentro do ônibus. Cheiro do povo, muita coisa boa, não é só ruim. Ruim é a qualidade do

serviço que é prestado em Fortaleza, mas o ônibus em si é ótimo.

"Tem roça-roça e muita coisa dentro do ônibus. Cheiro do povo, muita coisa boa, não é só ruim. Ruim é a qualidade do serviço"

LJ - O que você acha da família?

GC - Família? É uma instituição tão longínqua. Acho que pode ter sido importante para eu ser gerado. Quando eu nasci, ainda não existia bebê de proveta. Não me amarro muito nessa instituição, não. Tanto que eu não me casei, não tive filhos e acho família uma coisa meio careta. Acho que a minha família é a humanidade. Todas as pessoas são a minha família. Talvez os meus filhos sejam os meus alunos. É bem piegas isso, mas termina sendo. Não acho legal a família e não morro de amores, não.

LJ - Você gosta de criança?

GC - Se eu disser que não, vou ficar numa situação difícil. Vão dizer, olha, Herodes tinha razão (risos), mas não gosto muito, não. Acho que é bonitinho assim, para ver um pouquinho e tudo, mas enche o saco. Se eu disser que gosto é hipocrisia. Não vim para cá para mentir.

LJ - Você disse uma vez que os poucos momentos de prazer que você tem na vida passa com seus alunos. Por quê?

GC - É um processo de troca. As informações acumuladas estão sendo repassadas, sabe? Por outro lado, estamos absorvendo as vivências, as experiências de vida, as riquezas dos alunos, essa coisa toda. Acho que no fundo é o fato da gente se sentir útil, sabe? Acho que a gente é muito mais útil numa sala de aula do que, com certeza, fazendo um comercial de tv, ou fazendo solitariamente um conto ou um poema.

LJ - Gilmar, como é que foi a passagem pela Faculdade de Direito?

GC - Olha, assim, eu tinha a obrigação de fazer um curso. Meu pai era formado em Direito, queria que eu botasse o anel (risos). Não dava nem para herdar a banca de advocacia porque ele não tinha banca de advocacia. Foi promotor de Justiça, quer dizer, a carreira dele era nesse sentido. Aí, sabe o que eu fiz? Eu era pago para

estudar e então fiz todas as disciplinas, passei por média em todas elas e, no dia em que terminei, dei adeus e nunca na minha vida escrevi nada, nunca fiz uma petição, um mandado de segurança, nunca impetrei Habeas Corpus, nada, nada. Se depender disso, morro de fome, porque eu não sei fazer nada.

LJ - Nem para um amigo?

GC - Nada. Ele vai preso, eu pago um advogado para ele mas não faço nada.

"Clarice é dos meus deslumbramentos na literatura. Não sei como se consegue escrever sobre o intangível, o inexplicável"

LJ - Qual a sua relação com o trabalho de Clarice Lispector?

GC - Clarice é um dos meus deslumbramentos na literatura. Não sei como se consegue escrever sobre o intangível. Sobre as coisas que a gente pensa que não são possíveis de serem escritas. Pelo que conheço de Clarice escritora ela era uma pessoa profundamente inadequada. Como se ela fosse, como se ela não coubesse nisso aqui, certo? Então, eu me identifico com a Clarice na inadequação. Às vezes, sinto um mal estar muito incômodo, não que eu seja maior que os lugares, mas os lugares é que são pequenos para mim.

LJ - A comparação com Guimarães Rosa lhe irrita?

GC - Não, ao contrário, deve irritar ao Guimarães Rosa (risos). Não tenho palavras, o Guimarães Rosa é realmente um grande escritor da literatura brasileira de todos os tempos. Acho que só vai aparecer outro no próximo milênio, e olhe lá.

LJ - Você é uma pessoa amarga?

GC - Me sinto até de bem com a vida. Também não sou tão zen para dizer que não tenho amargura. Mas depois de 13 anos de análise e 43 de vida, depois de tanta quilometragem, já dá para estar apaziguado, de bem com a vida. O sadismo que aflora em alguns textos é muito mais no sentido de cutucar as pessoas que acham que está tudo arrumado, tudo bonitinho, certinho, sabe? É muito mais nesse

sentido. Aquela pessoa que sofre, pode ter certeza que tem o meu respeito e minha compaixão. Eu não tiro sarro do sofrimento dos outros.

LJ - Você vivem bem?

GC - Vivo. Me considero uma pessoa privilegiada. Isso às vezes contribui para o mal-estar, para o incômodo. A gente olha ao redor e vê que tem uma casa quitada, dinheiro para fazer a feira todo mês, essas coisas.

LJ - O dinheiro dessa feira vem às vezes das campanhas publicitárias apesar de você ter deixado a publicidade?

GC - Não, o free-lancer, o dinheiro da feira vem da Universidade mesmo. Mais da metade do que eu ganho fica nas mãos do Sr. Abílio Diniz, do Pão de Açúcar. O free-lancer entra para o supérfluo. Eu me mantenho com a universidade mesmo.

LJ - Você já fez algumas propagandas institucionais. Há uma certa perda de escrúpulos em fazer propagandas institucionais?

GC - Se fosse alguma coisa que me causasse uma profunda rejeição, com certeza eu não faria. Nunca farei um anúncio sobre pena de morte. O que a gente rejeita, rejeita mesmo. Fiz alguns trabalhos institucionais para o Governo Ciro e fiz alguns trabalhos, de maneira indireta, através do Cláudio Pereira, para a administração Juraci. Não me envergonho de admitir a autoria desses trabalhos. Preferiria, com certeza, não ter que fazê-los. Gostaria de ganhar mais na universidade e poder me dedicar realmente só a isso.

LJ - Por que não continuar sendo publicitário?

GC - Porque eu acredito que a publicidade seja uma ocupação temporária, a não ser para os patrões. Esses vão morrer publicitários.

LJ - Você nunca pensou em fundar sua própria agência?

GC - Quem iria me dar uma conta? Os empresários confiam nos seus iguais. Nunca seria um empresário. Seria sempre um porra-louca. Diriam: "Eu vou dar conta para aquele maluco, aquele poeta, comunista, hippie". Iriam inventar os rótulos que quisessem. Eles têm o direito. Nunca iriam me dar uma conta. Eu não estava a fim de ser patrão de ninguém. Deve ser muito chato ser patrão.

LJ - A Universidade já lhe decepcionou?

GC - Ainda não. No dia em que ela me decepcionar eu deixo porque sempre tenho que estar tentando. Não estamos acabados, somos um processo.

LJ - Você acha que faz falta à publicidade cearense?

GC - Olha, devo fazer porque faço um trabalho com muita agilidade, limpeza e com muito senso de organização. Processo muito rapidamente

"Devo fazer falta na publicidade cearense, porque faço um trabalho com muita agilidade, limpeza e senso de organização"

as informações. Então, seria interessantíssimo para uma agência me contratar, porque respondo muito rapidamente às solicitações. Tenho consciência de que não sou lá essas Brastemps, essa coisa de premiadíssimo, maravilhoso, não. Era uma pessoa que dava conta de minhas solicitações em pouco tempo, de maneira correta, competente.

LJ - Você nunca pensou em unir dois momentos da sua vida, a literatura e a publicidade e então escrever sobre publicidade?

GC - Escrever sobre a publicidade sendo uma coisa literária?

LJ - Literatura nem tanto, mas um trabalho acadêmico, como a teoria da publicidade que você mesmo já disse ser possível, sem ser o seu mestrado.

GC - Tenho uma série de anotações, de trabalhos que eu gostaria de fazer. Tenho umas anotações curiosas de propaganda no governo César Cals, que era uma propaganda, no meu ponto de vista, muito marcada por um conteúdo, por um imaginário fascista. Gostaria de escrever um artigo sobre isso. Tem anotações e pontos de partida para um livro de estudos ou pequenos ensaios sobre publicidade. Agora não sei se no momento tenho envergadura para fazer alguma coisa além disso.

LJ - Se lhe bancassem, você publicaria?

GC - Se me bancassem, eu faria isso rapidamente e publicaria. Tenho uma outra pesquisa que eu considero interessantíssima. Foi uma pesquisa que consumiu quase seis meses de minha vida - consumir é horrível, não? Porque, na verdade, a gente ganha e não perde. É sobre os anúncios do século XIX. Tenho um levantamento desses anúncios e gostaria muito de fazer um álbum que fosse um resgate desses anúncios no sentido de imagem e



Gilmar mora na Maraponga, em uma casa ampla e confortável. Não tem telefone e carro. Por quê? "Porque não quero. Talvez um carro."

Em três ocasiões Gilmar fez sinais para que fossem feitas perguntas. Parecia ficar aflito com as falhas que os alunos cometiam.

Gilmar de Carvalho tem vários projetos de literatura engavetados. Nunca se achou um autor de teatro. Escreve contos, crônicas e ensaios.



Gilmar considera a Universidade um lugar de pesquisas, estudos e debates. Vê com tristeza a exigência da concorrência no mercado.

Gilmar tem Juazeiro do Norte no coração. Planeja, em algum tempo de sua vida, morar na terra de Padre Cícero. Viaja sempre que pode.

É desesperançado com política. Não viu novidades na última campanha e acha que Fortaleza entra em um tempo de grande retrocesso.

Gilmar de Carvalho

uma análise do texto. Esse material está praticamente pronto.

LJ - Você já procurou financiador?

GC - Já sim, como também procurei para o álbum de rótulos xilográficos. Já procurei agências de publicidade e ninguém se interessa.

LJ - Qual é a resposta?

GC - "Interessantíssimo o seu trabalho, mas infelizmente a gente não está bancando" "o mercado está em crise", "as dificuldades são grandes" "a gente nunca sabe o que vai acontecer na economia" etc.

LJ - Fale um pouco sobre o álbum de rótulos.

GC - Quando eu fui a Juazeiro para começar as entrevistas, as pesquisas para o mestrado, descobri - é esse o termo mesmo -, nessa minha coisa chata de ficar abrindo gaveta, descobri umas matrizes de xilogravura, pequenas. Aí perguntei: "O que é isso?" - "São umas coisas que não tem nada a ver". Disse depois: "Tira umas cópias para mim". Quando tiraram as cópias, os rótulos estavam meio gastos, sujos de tinta, tem que limpar mesmo depois. Então, eram rótulos de cigarro, balas, bombons e rótulos de aguardente. Comecei a puxar esse fio da meada e hoje mais de 100 rótulos

"Hoje tenho mais de 100 rótulos cortados na madeira... Acho isso riquíssimo sob os pontos de vista comunicacional, antropológico e econômico"

nesse sentido. Cortados na madeira por vários artistas populares e servindo de suporte para produtos de uma economia informal. Essa manufatura de Juazeiro do Norte. Acho isso riquíssimo sob todos os pontos de vista: comunicacional, antropológico e econômico. Não sei porque ninguém se interessou em publicar isso.

LJ - Estamos passando agora uma crise no Brasil, ou superando uma crise. Daí surgiram politicamente corretos como votar a favor do impeachment do presidente. Como você viu esse impeachment?

GC - Fiquei muito preocupado, muito tenso. Enquanto o último voto não foi computado eu estava um pilha de nervos. A gente está muito acostumado a ser sacaneado, enganado, a ser desprezado aviltado. Assim eu disse mais uma vez "Vai ser Diretas Já de novo, vai começar tudo outra vez". Não imaginava que passasse. Fiquei muito feliz de ver as pessoas nas ruas, porque foi um movimento realmente de rua. As pessoas foram reclamar e gritar pelo fim da impunidade. Foi uma coisa muito bonita que não chegou perto de achar que tudo estava sendo resolvido, porque, no instante seguinte, a gente vê que esse movimento não se refletiu tanto na política como a gente gostaria que tivesse refletido. E a gente viu aí alguns "Collors" eleitos prefeitos. Chorei. Na hora do voto eu chorei, e interessante que a senhora que mora na minha casa pensava que estava chorando com pena do Collor. Eu disse: não, pelo amor de Deus, estou chorando porque faz dois anos e meio que eu não consigo conviver com essa fraude, esta empulhação, sabe?

LJ - Você falou de alguns Collors que foram eleitos. Cite exemplos.

GC - Campanhas milionárias de dinheiro que a gente não sabe de onde saiu, ou sabe mas não pode provar de onde saiu. Pessoas sem a menor consistência que ninguém sabe nem quem são e que foram eleitas por conta de um bom trabalho de propaganda, de aliciamento, de clientelismo e de tirar partido das dificuldades das camadas subalternas.

LJ - Você inclui o Cambraia?

GC - Mas tranqüilamente. Eu estava falando era dele mesmo.

LJ - Qual a sua expectativa?

GC - A minha expectativa é nenhuma. Uma pessoa que não tem programa, o programa era ser o candidato de não sei quem. O que eu posso esperar de uma pessoa dessas?

LJ - Você deixa a impressão de ter rixa pessoal com o Cambraia.

GC - Não sei nem quem é. Aliás, para mim, ele é uma personificação do boneco que criaram no programa do concorrente dele, uma outra pessoa execrável.

LJ - Qual a sua opinião sobre propaganda política?

GC - É um pouco criativa. Fortaleza foi um laboratório de novas propostas por causa da propaganda política e foram feitas campanhas muito interessantes como a da Maria Luiza, a do Edson Silva, a campanha do Tasso, a campanha do Ciro para Prefeito. Eu diria até que a campanha do Ciro para Governador... Tivemos um bom

formato, um formato criativo. Nessa vez agora, sim, o pessoal perdeu um pouco o bonde. A campanha do Cambraia era imitando o modelo das cam-

"Fortaleza foi um laboratório de novas propostas por causa da propaganda política, e foram feitas campanhas muito interessantes"

panhas do Ciro e a do Assis também. Ficou um pouco na mesmice.

LJ - O que faltou?

GC - Criatividade mesmo. Ousadia.

LJ - Uma agência de fora foi responsável pela campanha vencedora.

GC - O que ganhou não foi o trabalho da agência. O que ganhou foi o esquema de rejeição ao chamado Cambraia. Um sentimento de rejeição muito forte porque eles são prepotentes, autoritários e se afastaram muito da sociedade civil, e o povo deu o troco votando no atraso, o que é uma pena. Podiam ter dado o troco votando numa proposta politicamente avançada. Preferiram votar pelo retrocesso.

LJ - Você acha que o Governador Tasso inaugurou uma nova estética na política?

GC - Inaugurou. O Governo Tasso é responsável por uma nova estética. Uma boa produção, um bom acabamento, uma boa iluminação, boa locução, boa edição. Com certeza nós demos um salto em relação à produção.

LJ - O que você acha da publicidade das obras?

GC - O Governo Ciro tem bons momentos de publicidade. Na minha avaliação ele tem bons momentos nas campanhas de turismo feitas pela CBC&A e nas campanhas de profilaxia, nas campanhas de saúde, onde as rádios têm sido satisfatórias. Agora, essa campanha "Ceará é Trabalho" do primeiro ano do Governo Ciro foi uma das coisas mais lamentáveis que eu já vi em termos de propaganda. Era ineficaz, cansativa, repetitiva.

LJ - Falando um pouco de jornal, o que você acha do nosso jornalismo?

GC - Poderia ser melhor. Fortaleza é uma cidade que tem boas universidades e um contingente de profissionais

liberais, de pessoas com acesso à informação. Então, nosso jornal ainda me parece muito provinciano. Ele poderia ousar mais, poderia ter melhor texto, ter grandes reportagens. Muita coisa tem que ser mudada. Na minha opinião a cobertura da eleição feita pelo jornal O Povo foi correta.

LJ - O que você acha dos estudantes nas redações?

GC - Tem aquele lado que ajuda, complementa as informações da escola e os estudantes ficam mais ágeis e mais espertos, mas, por outro lado, lamento muito quando os estudantes de segundo semestre estão nas redações. Parece que a Universidade passa a ser um lugar desagradável, as pessoas têm que vir para cá para cumprir os créditos e sair com o diploma. Eu penso que poderia ser feita uma discussão mais profunda da questão e, talvez, chegar a um acordo, a um

patamar mínimo, digamos, a partir do quinto semestre o aluno poderia, em

"O mal estar que me causa essa luta contra o diploma é que a gente fica sempre acusado de ser corporativista"

um determinado momento ocupar alguns espaços, desde que não prejudiquem o profissional.

LJ - Você acha que o curso forma bons profissionais?

GC - Excelentes.

LJ - Mesmo com as deficiências?

GC - Assim mesmo.

LJ - O que você acha do diploma para exercer a profissão?

GC - De qualquer maneira, a gente precisa de pessoas capacitadas, habilitadas e qualificadas e essas pessoas estarão nos cursos de Comunicação. O mal estar que me causa essa luta contra o diploma é que a gente fica sempre acusado de ser corporativista, quando, na verdade, esse corporativismo, se é que ele existe, poderia até ser justificável num momento em que a categoria se fortalecer o bastante para encontrar formas mais contundentes, mais incisivas de reivindicação de cobrança e de afirmação. É muito mais fácil ser contra o diploma.



A comunicação é fundamental para quem pretende crescer e aparecer. Uma boa assessoria de comunicação é o começo de tudo. Jornais, releases, revistas, folders e cartazes são veículos dessa comunicação. É importante pensar nisso. Afinal, a 1ª. Impressão é a que fica!

IMPRESSÃO

COMUNICAÇÕES

Avenida da Universidade, 2446 Benfica Fone: 2215897